

Vertente

ANO 1 - Nº 4 - RJ / MAIO 97

VOLTADO PARA A PRODUÇÃO CULTURAL DESTINADA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE



RICARDO BLAT

• A prostituição infantil

• Seminário de Literatura
Dramática e Teatro na Escola

• Rede Nacional de
Contadores de Histórias

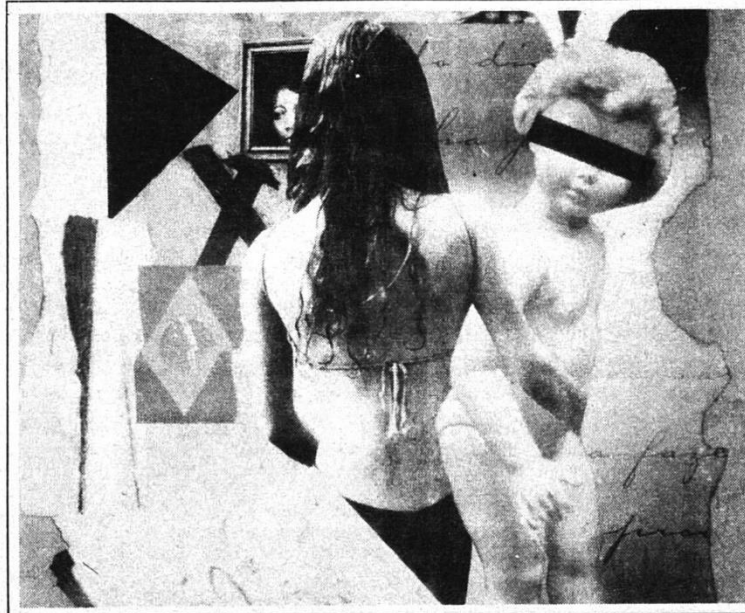
EDITORIAL

O JORNAL VERTENTE se caracteriza por ser um jornal apolítico, não no sentido da isenção alienada, mas sim da postura libertária e democrática, onde o escopo principal de seu trabalho é a informação, em seu sentido mais amplo, e o total respeito à liberdade de expressão, principalmente de seus entrevistados, que ao serem procurados pelo jornal têm assegurado o seu livre direito de expressão. Assim como a todos aqueles que discordarem e se sentirem atingidos direta ou indiretamente por quaisquer declarações publicadas têm, como manda a lei, inclusive, assegurado o seu direito de resposta no mesmo local, com mesmo destaque. E se não fosse a lei seria o respeito ao indivíduo.

Ao VERTENTE interessa a discussão de idéias e ideais, de fatos, de instigar procuras, buscar caminhos, polemizar ao nível do trabalho, da pesquisa e da indagação, jamais provocar, ou alimentar a polêmica pessoal, seja esta por divergência política ou personalizada. Isto não é nossa matéria; extrapola para outras esferas que não fazem parte de nossa pauta.

É necessário reiterarmos nossa postura isenta, que busca ouvir opiniões as mais diversificadas, abrir espaço, inclusive, para o leitor em

Ilustração: Lu Gama



geral, que hoje, através da TRIBUNA LIVRE tem seu lugar de protesto, questionamento, assegurado, dentro dos limites e critérios da civilidade. Assim promoveremos a discussão sadia e enriquecedora.

Dando continuidade a nossa proposta de nosso editorial acompanhar e registrar modificações, crescimentos e acontecimentos, informamos sobre nossa presença em Stand na próxima Bienal do Livro, quando estaremos inaugurando a HOME PAGE. Depois de agosto, a expansão para 25.000 exemplares/Rio e a entrada em São Paulo, Belo Horizonte e Vitória. E assim caminha o VERTENTE, que ultrapassou fronteiras, indo à Feira de Bolonha e ao Encontro de Literatura e Contadores de Histórias na Argentina.

Finalmente, até julho teremos a reformulação do projeto editorial e do projeto gráfico acompanhando o crescimento e expansão do jornal, atualizando-o, e tornando-o cada vez mais útil àqueles que lidam com a cultura nesse país,

principalmente neste segmento voltado para a criança e o adolescente.

O VERTENTE já é um projeto vitorioso. Com poucos meses de existência, seu crescimento é evidente e seu futuro promissor; aproveitamos para nos congratularmos com todos os nossos colaboradores, repórteres, especialistas, entrevistados, membros do incansável Conselho Editorial, **distribuidores** e principalmente... leitores!

✉ "Parabenizamos a equipe editorial do Jornal Vertente pela publicação do seu segundo número, e aproveitamos a oportunidade para consultá-los sobre a possibilidade de divulgar, no próximo número, a edição da obra O escritor nas bibliotecas. Os interessados poderão endereçar os pedidos para a rua Frei Caneca, 1402/ 7º andar. CEP 01307-002 - São Paulo/SP ou pelo telefone:(011) 289-4645."

Prefeitura do Município de São Paulo - SP

✉ "Achei o jornal o máximo e se todos forem sobre literatura infanto-juvenil eu vou querer os números anteriores! Como proceder se for o caso?"

Mônica Moraes - Rio de Janeiro - RJ

Vertente responde:

O Jornal Vertente aborda todas as áreas da expressão artística e não só literatura. Os números anteriores podem ser solicitados pelo telefax: (021) 568-8912

EXPEDIENTE

Editor Responsável: Carlos Augusto Nazareth.

Sub-Editor: Gustavo Paso

Conselho Editorial: Benita Prieto, Lúcia Cerrone, Lúcia Jurema, Carlos Augusto Nazareth, Gustavo Paso

Editoria de Literatura: Benita Prieto.

Colaboradores: Benita Prieto, Flávia Ribeiro, Lúcia Cerrone, Léo Cunha, Carlos Augusto Nazareth, Claudia Pimentel, Robert Happé, Marco Aurélio

Marketing: Rodolfo Brandão

Administração: Paula Waldhasen

Reformulação do Projeto Gráfico e Diagramação: Gustavo Paso.

Distribuição: Luís Lemos.

Jornalista Responsável: Marco Antônio Henriques. Reg. 16.001

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - tel/fax: 569-5680

Tiragem mensal de 15 mil exemplares

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL: MARCELO MARTINS

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO

AMAI
Bibliotecas populares do RJ (20)
Casa da Gávea
Casa da Leitura
Casa das Artes de Laranjeiras
Casa de Cultura Laura Alvim
Casa de Rui Barbosa - Livraria
Catsapá
Centrinho de Artes do Meier
C. Cult. Banco do Brasil
C. Cult. Calouste Golbenkian
C. Cult. da Light
C. Cult. da SBAT
C. Cult. CIEE
C. Cult. Gama Filho
C. Cult. Laurinda Santos Lobo
C. Cult. Oduvaldo Viana Filho
Clube Mackenzie
Clube Municipal

Dazibao - Paço Imperial
Esc. de Dança Maria Olenewa
Esc. de Música Antônio Adolfo
Esc. de Música Villa Lobos
Esc. de Teatro Martins Pena
Esc. Nacional de Música
Espaço Cultural dos Correios
Espaço Novo
Espaço das Artes
Estação Botafogo
Estação das Letras
Estação Paissandu
Esp. Unibanco de Cinema
Esp. Cultural Sérgio Porto
Letras e Expressões
Livraria Malasartes
Livraria Plens
Livraria Pé de Página
Livraria Ler e Ver

Livraria Siciliano - Ipanema
Museu da Cidade
Museu da República
Museu do Telefone
O Tablado
Paço Imperial
Planetário da Gávea
Sindicato dos Artistas
UNI-RIO - Biblioteca
TEATROS DA CIDADE (35)

NITERÓI
CINE-ART UFF

SÃO PAULO
Cent. Cult. Vergueiro
Teatro Ventoforte

FRIBURGO
Nova Friburgo C. Club

VOLTA REDONDA
GACEMSS

VALENÇA
Imaginarte

PETRÓPOLIS
Biblioteca da UCP
Bibl. Mun. Gabriela Mistral
C. C. Tristão de Athaide
Livraria Livromania
Livraria Obelisco
Livraria Pump

A leitura infantil em questão

Especialistas discutem a promoção da literatura

O JORNAL VERTENTE RECEBEU E PUBLICA ABAIXO FAX DE LAURA SANDRONI DO CONSELHO DIRETOR DA FNLIJ SOBRE A MATÉRIA EM EPÍGRAFE

☒ Carta ao Vertente

Senhor Editor, como coordenadora da "Ciranda de Livros", projeto desenvolvido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e Fundação Roberto Marinho, com apoio financeiro da Hoescht do Brasil, entre os anos de 1982 e 1985, venho esclarecer informação incorreta expressa na matéria *A leitura infantil em questão*, no número de abril do jornal *Vertente*.

Quatro displays plásticos, com 15 livros cada, foram distribuídos a 30 mil escolas em áreas rurais ou de periferia urbana, em todo o país, acompanhados de um Guia de Leitura destinado ao professor.

Foram, portanto, sessenta títulos de autores e ilustradores brasileiros a alcançar as mais longínquas regiões do Brasil, conforme atestaram as milhares de cartas recebidas, além de depoimentos das mais variadas origens.

Ao encerrar-se o projeto, foi realizada uma pesquisa, coordenada pelo sociólogo Carlos Alberto Medina (autor de vários trabalhos na área do livro), que verificou haverem sido corretamente utilizados 65% das Cirandas enviadas.

Como projeto pioneiro no estímulo à leitura, parece-me que se pode considerá-lo um sucesso. Além de medir a leitura de cada título, ouviram-se todos os envolvidos no processo: autores, ilustradores, editores e professores. A aprovação foi total.

A "Ciranda de Livros" foi exemplo para vários países latino-americanos e recebeu o prêmio *Iraque de Alfabetização*, da Unesco, em 1984. Ainda um dado importante: pela primeira vez no Brasil a televisão aliou-se ao livro através de VTs de 30 segundos (com 400 inserções por ano), que divulgaram o projeto, com base nos livros que o compunham.

Grata pela publicação,

Laura Sandroni
Conselho Diretor - FNLIJ

qual fui uma das organizadoras".

Yunes participou da equipe que selecionou o material para a Ciranda do Livro e conta que o material foi distribuído para 35 mil escolas de periferia urbana e rural no Brasil. Um exemplar para cada escola. Eram 60 títulos que, no entanto, não cumpriram o seu destino, diz. "Uma avaliação séria vai dizer que foi um êxito de publicidade, para Hoescht e Fundação Roberto Marinho. Mas no que toca à formação de leitores, nada. A maioria dos livros ficou nas caixas, nos locais para onde foram enviados, ou pendurados no display, para as crianças verem. Promover livro não é distribuir livros."

Francesco Trota, professor de jornalismo na Estácio de Sá e técnico de cursos educacionais do Cefet-RJ

GENTE

Maria Cecília Cascaes de Albuquerque é assistente social com pós-graduação em Direito Especial da Criança e do Adolescente e trabalha em prol desta população menos privilegiada desde 1986.

Em junho de 1996 Maria Cecília organiza o CRIDE - Centro de Resgate da Identidade, com a ajuda de outros profissionais como a defensora pública Dra. Rozangela Zagglaglia, a Promotora Lilian Pinho, a delegada Márcia Julião e outros.

O CRIDE tem como objetivo construir a identidade e o respeito a si próprio e valorizar a auto-estima em crianças e adolescentes, vítimas da exploração sexual, criando um projeto alternativo de vida.

Hoje já são cerca de 70 meninas de 8 a 18 anos que freqüentam o CRIDE, que sobrevive graças ao apoio da FIA. O CRIDE

tem capacidade para atender 100 meninas, entre crianças e adolescentes e oferece cursos de datilografia, informática, têm assistência médica e psicológica.

"Pela primeira vez na vida as pessoas me tratam como gente. Aqui no centro me sinto um ser humano de verdade, não um objeto", diz K. de 17 anos, fugida de Goiânia, há 3 meses no Rio, trabalhando no calçadão da Avenida Atlântica e há um mês freqüentando o CRIDE.

O trabalho de Maria Cecília se junta às inúmeras vozes que clamam contra a calamitosa situação da exploração sexual da criança e do adolescente num esforço pessoal. Que as vozes que clamam se unam à Ação e que surjam, assim, parceiros - entidades privadas, ou mesmo contribuições pessoais em prol deste trabalho competente e dignificante,

fruto do esforço de uma profissional capaz, munida apenas de seu idealismo e capacidade de realização. É ela que fala ao Vertente: "A prostituição infanto-juvenil vem crescendo dia a dia, não mais admitindo ações assistencialistas. O adolescente, vítima da prostituição, precisa ingressar num projeto de construção moral e precisamos encontrar soluções que apontem para uma mudança na vida desses jovens, mudança com apoio educativo que lhes proporcione e assegure novas perspectivas. Esses adolescentes são, em sua maioria, excluídos de seus direitos sociais, e é imprescindível resgatá-los, para que possam se tornar cidadãos" ■

CRIDE
CENTRO DE RESGATE DA IDENTIDADE
Av. Mem de Sá 59/61 Centro
tel: (021) 232.5084

"É possível nascer de novo?"

Crianças e adolescentes que não lêem nem vão ao teatro

UM RETRATO ANGUSTIANTE DA PROSTITUIÇÃO INFANTIL

"Passou dos quinze quilos está bom". O depoimento de um explorador sexual ilustrado no livro "As Meninas da Noite" de Gilberto Dimenstein (Editora Ática, 92) ilustra a malha de violência costurada com medos e vergonha de meninas que, muitas vezes, escolheram a prostituição como forma de ingressar numa sociedade de consumo. Longe de ser opção, a naturalidade como acontece a prostituição infanto-juvenil assusta os órgãos competentes tanto na rota do tráfico de meninas no Norte do País, quanto nas ruas de Copacabana, no Rio.

A prostituição, talvez a mais antiga das profissões da humanidade, está atingindo faixa etária cada vez mais baixa entre crianças e adolescentes de todo o Brasil. A base de tudo: a desestruturação familiar, a miséria, a ilusão de meninas que sonham ser "gente". A indagação: É possível nascer de novo?

As ações de resgate da cidadania para recuperação da auto-estima dessas meninas ainda estão engatinhando quase que na virada do século. Não é fácil convencer adolescentes, que mal conheceram as bonecas, a tentarem uma vida digna sem traumas e esperanças. Muitas delas nem querem recomeçar. Normalmente, o exemplo vem de casa. É o que revela a coordenadora do Centro de Resgate da Identidade (Cride), Cecília Cascaes. O projeto que surgiu da parceria do o Governo do Estado e as ações da Delegacia de Proteção à Infância e à Adolescência (DPCA) é o único no Estado que se dispõe a recuperar prostitutas "mirins" e devolvê-las ao convívio social.

"Apenas de junho a dezembro de 95 foram fechados 40 prostíbulos no Rio", informou a delegada da DPCA, Márcia Julião. Cecília destacou que as meninas reconhecem a prostituição realmente como trabalho. "Ela é fonte de dinheiro para comprar roupas de marca e conhecer outros lugares", afirmou.

O Cride abraça o sonho dessas meninas: o

de ser realmente gente. É oferecido todo um programa, inclusive de atendimento psico-sociológico com a família e pedagógico para que elas retornem ao ambiente social ávidas de esperança por um futuro melhor. Durante um período de aproximadamente três meses, as meninas têm reforço escolar e recebem todo apoio necessário de assistentes sociais. "Todas as meninas vêm de núcleos desestruturados. Normalmente, a família está envolvida com drogas, bebidas. Muitas mães encaminham as filhas para a prostituição", comentou Cecília. Os números revelam. Em 96, 335 meninas foram apreendidas pelo Estado. "Atualmente acolhemos 73 meninas. A casa comporta cerca de 100", disse.

"As ações de resgate da cidadania para recuperação da auto-estima dessas meninas ainda estão engatinhando quase que na virada do século."

"As Meninas da Noite" ilustra como a escravidão de meninas prostitutas e a miséria dessas famílias estão chegando ao século XXI. Muitas meninas e meninos são forçados à prostituição por madames e cafetões. No garimpo e nas grandes metrópoles como Rio e São Paulo, as aliciadoras só mudam de nome e os pontos também - as chamadas "pistas" onde elas se vendem por alguns reais.

De acordo com documento divulgado em 1992 pelo Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (CBIA), existem cerca de 500 mil meninas prostitutas no País. Vítimas de muita violência, tanto em casa quanto na rua, elas são recolhidas em ações da polícia civil, levadas ao Juizado de Menores

e encaminhadas às entidades competentes.

Campanhas institucionais e de mobilização social divulgadas há mais de dois anos estão tentando reverter o quadro inaceitável da prostituição infantil e do turismo sexual no Brasil. Segundo o Juiz da 1ª Vara da Infância e da Adolescência, Siro Darlan, o projeto "Expresso Alegria" recolhe entre 20 e 30 crianças prostituídas todo mês no Rio. "O primeiro passo é advertir a família da menor. A pena para o explorador sexual varia de um a cinco anos de detenção", informou.

Para a assessora do Departamento de Promoção Social (DPC) da Fundação da Infância e Adolescência (FIA), Lucy Caiyella, ainda é cedo para avaliar os resultados do Cride, mas sua importância é incontestável. "O principal enfoque é a recuperação da auto-estima das meninas prostitutas", comentou. A FIA financia os projetos da ONG.

Outras entidades não-governamentais como a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) desenvolvem programas paralelos que visam atingir o mesmo objetivo, caminhando lado a lado e contribuindo para minimizar os números alarmantes.

O programa Disque Denúncia Prostituição Infanto-Juvenil criado através de uma iniciativa entre o Ministério da Justiça e a Embratur, em convênio com a ABRAPIA, vem demonstrando resultados surpreendentes desde fevereiro. Na verdade, a ABRAPIA funciona como instituição intermediária que encaminha as denúncias catalogadas para outras entidades sociais como o S.O.S Criança de São Paulo e o Cride no Rio.

Na avaliação do presidente da associação, Lauro Monteiro, a iniciativa surgiu da campanha sobre turismo sexual. "Observamos a necessidade de estender inclusive o horário do Disque Denúncia que funciona das 8 horas às 20 horas. Recebemos denúncias de todo o País e nos sentimos honrados por estarmos prestando esse serviço", comentou.

continuação da página 4

"O passe de alforria de meninas no Norte e Nordeste do País, que escondem prostíbulos e cativeiros talvez pouco imaginados pela sociedade, se repete no submundo das ruas de bairros como a princesinha do mar."

Através da campanha, a ABRAPIA constatou que o número de estrangeiros que praticam turismo sexual chega a 15% dos casos apurados. "São os próprios brasileiros que exploram nossas crianças", disse Cecília.

O passe de alforria de meninas no Norte e Nordeste do País, que escondem prostíbulos e cativeiros talvez pouco imaginados pela sociedade, se repete no submundo das ruas de bairros como a princesinha do mar. Ao contrário do que muitos imaginam, Monteiro afirma que o turismo sexual se acentua no interior do estado de São Paulo e não na orla marítima de Salvador ou em Manaus.

Cecília, coordenadora do Críde, revelou que há mulheres de 20 anos que lideram pontos da Avenida Atlântica, Quinta da Boa Vista e Campo de Santana. "Dividir o lucro faz parte. A escravidão de outros pontos do País se repete nas ruas da cidade", destacou. Relatórios da ABRAPIA mostram que a maior parte das meninas da noite tem entre 12 e 17 anos, atuando especialmente nas regiões Sudeste (40%) e Nordeste (35%).

Das 658 denúncias decorrentes de 1.100 ligações recebidas entre os dias 05/02 e 30/04,

cerca de 630 foram repassadas, mas apenas 24 obtiveram retorno da entidade. Grande parte da violência está ocorrendo dentro de casa, mas os pontos de exploração sexual são os mais diversos como academias de ginástica, fliperamas e colégios.

Afinal, quem está abusando destas meninas? Dados da ABRAPIA indicam que a idade média do explorador fica entre 30 a 40 anos - 10,2 %. No Rio de Janeiro, cerca de 78% dos casos acontecem na capital contra 17% no interior do Estado. Monteiro afirmou que outras alternativas estão sendo estudadas como o projeto de complementação de renda mínima às famílias das adolescentes.

Medidas educativas como educação sexual também são válidas. "Quando as meninas sinalizam que estão prontas para caminharem sozinhas dentro dos padrões normais da sociedade, elas vão seguir os seus caminhos", declarou Cecília. Certas de que a liberdade é plena quando sabemos utilizá-la conscientemente, sem traumas. ■

Flávia Ribeiro
Jornalista

—ABRAPIA—

A ABRAPIA é uma associação sem fins lucrativos que congrega uma equipe multiprofissional para a defesa dos direitos da criança e do adolescente. A organização atua no atendimento e prevenção de três problemas específicos: a violência doméstica e institucional praticada contra crianças e adolescentes, a exploração do trabalho infanto-juvenil e a prostituição infantil.

SOS-CRIANÇA

Através deste programa, a ABRAPIA atende e dá acompanhamento psicológico, social e jurídico a casos de violência doméstica, incluindo abuso físico, abuso sexual, abuso psicológico, negligência e outros.

Quando a comunicação por telefone relata situações críticas, nas quais a vítima corre risco de vida, a ABRAPIA imediatamente desloca uma equipe para visita domiciliar. Tal equipe é constituída por um advogado, uma assistente social e um psicólogo.

DISQUE DENÚNCIA PROSTITUIÇÃO INFANTIL (0800-990500)

O Disque Denúncia é o mais novo programa da ABRAPIA, criado por uma iniciativa do Ministério da Justiça e da EMBRATUR. A organização foi escolhida em função de sua larga experiência no recebimento das denúncias de violação dos direitos da criança e do adolescente.

Mensageiro Virtual

Tenha diariamente um mensageiro para realização de suas tarefas pelo menor custo, com maior agilidade

➤ CONTRATO MENSAL COM DIREITO A 01 TAREFA/DIA, OU 20 TAREFAS/MÊS, PARA REGIÕES CENTRO/ZONA SUL:

APENAS R\$ 67,00



A MANEIRA MAIS SIMPLES, ECONÔMICA E EFICAZ DE CONTRATAR UM MENSAGEIRO.

CONFIRA!!!

**Av. Nilo Peçanha, 50/1107
RJ - CEP 20.020-100
Fone: 533-2902
FAX: 262-0522**

DICAS TEATRAIS

TUHU - O MENINO VILLA LOBOS	Direção de Karen Acioly. <i>Centro Cultural Light</i> . Avenida Marechal Floriano, 168. Centro. Sáb. e dom., às 15h. Grátis. <i>Distribuição de senhas a partir das 14h.</i>
A HISTÓRIA DE TOPETUDO	Direção de Thereza Falcão. <i>Teatro Ziembinski</i> . Rua Urbano Duarte, 30. Tijuca (254-5399). Sáb. e dom., às 17h. R\$ 10,00
FOI ELA QUE COMEÇOU	Direção de Marcelo Saback. <i>Teatro dos Quatro</i> . Rua Marquês de São Vicente, 52. Gávea (274-9895). Sáb. e dom., às 17h. R\$ 5,00
AMIGAS X AMIGAS	Direção de João Batista. <i>Teatro de Arena</i> . Rua Siqueira Campos, 143, sobreloja. Copacabana (274-9895). Sáb. e dom., às 17h. R\$ 10,00
PAPAGUENO	Direção Lúcia Coelho. <i>Cine-Teatro Dina Sfat, Centro Cultural Gama Filho</i> . Rua Manoel Vitorino, 553. Piedade (599-7237). Sáb. e dom., às 16h. R\$ 5,00

CRÍTICAS

A HISTÓRIA DE TOPETUDO

A História de Topetudo é uma adaptação livre do conto de Charles Perrault- "Riquet Topetudo". Conta a história de um menino muito feio, mas muito inteligente, filho de uma rainha e que recebeu, de sua fada madrinha, a graça de tornar inteligente a moça por quem se apaixonasse; e de Clarabela, "de todas as mais bela", mas totalmente desprovida de inteligência, filha da rainha do reino vizinho. A história segue narrando o encontro deste dois personagens opostos e complementares.

A história é contada através de dois "clowns": Lasagna e Ravioli, que "brincam", em total cumplicidade com o público, de fazer teatro. As duas atrizes assumem, ao longo do espetáculo, dezoito personagens, além do próprio narrador, surpreendendo o público a cada entrada, ou revelando, cena aberta, a mudança destes papéis.

Tendo estreado em final de 1996, a peça já conta com cinco indicações para o prêmio Mambembe de Teatro Infantil/ 96 nas categorias: Melhor Atriz (Ana Barrosc e Mônica Biel), Melhor Texto, Melhor Direção e Melhor Figurino, além de estar concorrendo ao prêmio Coca Cola de Teatro Jovem/1997.

A História de Topetudo contribui para trazer de volta o público infantil ao teatro. Imperdível.

TUHU - O MENINO VILLA LOBOS

Contar a história de Villa Lobos para crianças não é uma tarefa fácil. Karen Acioly se desincumbiu desta tarefa de modo brilhante, tanto como autora, como diretora.

Um grande espetáculo se constrói de inúmeros grandes e pequenos acertos; quando se reúne uma boa quantidade deles - aí está o sucesso - é o caso de Tuhu, o menino Villa-Lobos. A empatia com o público infantil é imediata, tocando de maneira inteligente a cada espectador, transformando-os, todos, em pequenos e possíveis Tuhus.

A construção do espetáculo se apóia, como não poderia deixar de ser, na música e com mais um acerto, um grupo de pequenos cantores compõe o elenco e desenvolve um trabalho vocal primoroso, inserido dentro da estrutura do espetáculo de forma inteligente, tomando-se parte integrante dele.

No afinado elenco, Bruno Miguel faz um Tuhu que conquista de imediato a platéia, desde a sua primeira entrada. Um destaque especial para José Mauro Brant que surpreende, não pelo seu talento, já reconhecido, mas pelo domínio do tempo e da medida certa da comédia, sustentando um momento de transição de linguagem do espetáculo, responsável pelos melhores momentos de humor da peça. Agnes Moço faz uma "Fifina" envolvente, Soraya Ravenle uma professora no tom certo, assim como os demais atores que compõem a ficha técnica.

Espaço Cultural

dança
artes
plásticas



teatro
música

RUA GENERAL ROCA, 518. PÇA SAENS PENA (PRÓX. AO METRÔ).
TELEFAX: 567-4378 E 284-0085

Professor

MÁRIO aulas particulares

Dança de Salão

Samba no pé Salsa Bolero Tango

Tel.: 242-1867
Rua Riachuelo, 271/ 903

R\$ 10,00
a hora

10

SEMINÁRIO DE LITERATURA DRAMÁTICA E TEATRO NA ESCOLA

DIAS 15, 16, 17 e 18
de julho na Biblioteca Estadual Celso Kelly

PRIMEIRO DIA - 15/07

MANHÃ

8:30H *RECEPÇÃO*

9:00H *ABERTURA OFICIAL*

BENITA PRIETO
CARLOS AUGUSTO NAZARETH
LUCIA JUREMA FIGUERÔA

9:30H *APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO*
"A HISTÓRIA DE TOPETUDO" DIREÇÃO DE TERESA
FALCÃO, COM ANA BARROSO E MÔNICA BIEL,
ATUALMENTE EM CARTAZ NO TEATRO ZIEMBINSKY

MESA REDONDA

10:30 TEMA: **A LITERATURA DRAMÁTICA**
ÀS DEBATEDORES: DUDU SANDRONI E LUCIA COELHO
12:30H MEDIADOR: SÔNIA MOTTA

TARDE

14H *DEPOIMENTO - FANNY ABRAMOVICH*

15 *OFICINAS*
ÀS TEMA: **ESTUDO COMPARATIVO: O TEXTO LITERÁRIO**
17H **E O TEXTO TEATRAL**
OFICINA 1: CELSO SISTO
OFICINA 2: CARLOS AUGUSTO NAZARETH
TEMA: **DESENVOLVIMENTO DA ANÁLISE**
E CRÍTICA TEATRAL
OFICINA 1: LUCIA CERRONE
OFICINA 2: BENITA PRIETO
TEMA: **O TEATRO NA ARTE EDUCAÇÃO**
OFICINA 1: SILVIA ADERNE
OFICINA 2: MÁRCIA FREDERICO

SEGUNDO DIA - 16/07

MANHÃ

MESA REDONDA

9 TEMA: **O TEATRO E A ESCOLA**
ÀS DEBATEDORES: CÉLIA BISPO E SURA BERDITCHEWSKY
12H MEDIADOR: BENITA PRIETO

TARDE

14 ÀS 17H *OFICINAS** (AS MESMAS DO PRIMEIRO DIA)

TERCEIRO DIA - 17/07

MANHÃ

MESA REDONDA

9 TEMA: **O TEATRO E A EDUCAÇÃO**
ÀS DEBATEDORES: KAREN ACCIOLY E ILO KRUGLI
12H MEDIADOR: BERNARDO JABLONSKY

TARDE

14 ÀS 17H *OFICINAS** (AS MESMAS DO PRIMEIRO DIA)

QUARTO DIA - 18/07

MANHÃ

9 ÀS 12H

APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO
"Ou Isto ou Aquilo" DE CECÍLIA MEIRELES,
COM O GRUPO HOMBU.
DEBATE E AVALIAÇÃO

*** TODOS OS PARTICIPANTES DO SEMINÁRIO TERÃO A
POSSIBILIDADE DE FREQUENTAR AS TRÊS OFICINAS,
UMA POR DIA, FECHANDO ASSIM O CICLO PARA O
DEBATE E AVALIAÇÃO.**

AS INSCRIÇÕES DEVERÃO SER FEITAS MEDIANTE A REMESSA DOS DADOS DO PARTICIPANTE E DO
COMPROVANTE DE DEPÓSITO DA TAXA DE R\$ 30,00 (TRINTA REAIS).

BANERJ - Ag. 001 MAIRINK VEIGA - C/C 001-05271-17 DE CARLOS AUGUSTO NAZARETH
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA

AMBOS DEVERÃO SER REMETIDOS PELO FAX OU PELO CORREIO PARA:

I Seminário de Literatura Dramática e Teatro na Escola

Rua Vicente Licínio, 154

Tijuca - Rio de Janeiro - RJ

Cep 20270-340

FAX (021) 568.8912



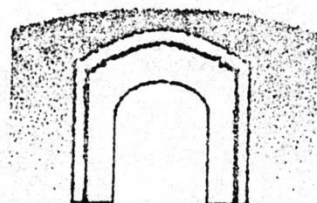
CONSCIÊNCIA E CURA

A história da civilização humana tem sido longa e a razão pela qual estamos nesse planeta permanece obscura. É como se tivéssemos vivido milhares de anos na sombra. Mas agora existem mudanças. As energias estão acelerando como se não tivéssemos tempo para fazer alguma coisa. Dias, semanas e anos parecem voar e mudanças significativas estão ocorrendo em todos os níveis de nossa sociedade. Parecemos estar vivendo um momento tempo-espaço no qual vários ciclos chegam a um fim para que outros novos ciclos, com novas oportunidades para todas as formas de vida que desejem acelerar o seu processo. Este movimento e ciclos pelos quais estamos passando afetam profundamente nossa psique e causam mudanças em nossa consciência e atitudes. Nosso planeta tem estado espiritualmente na sombra por tanto tempo que todas nossas grandes civilizações perderam séculos em disputas e contos de poder, destruindo as tradições dos povos indígenas. Some-se a isso a destruição do nosso meio ambiente, com produtos químicos, barulhos, televisão e outros poluentes e entramos num estado ilusório no qual nos sentimos separados de nossa própria sabedoria e força criativa. Além disso, nossos padrões familiares e institucionais trouxeram o sentimento de não sermos bons o suficiente, causando traumas individuais e a sensação de insegurança, e assim em nosso planeta continuamos a vivenciar conflito e medo um dos outros. Essa resumidamente é a história da raça humana.

Precisamos nos conscientizar que viver no planeta terra significa transformar a nós mesmos. Somente através do desenvolvimento e do despertar de nossa consciência do sagrado, de tudo que existe, honrando a tudo e a todos igualmente, traremos de volta a paz a esse planeta. É óbvio que precisamos fazer essa escolha para nossa própria sobrevivência. Não é mais admissível permanecermos ignorantes, inconscientes e irresponsáveis. Vamos examinar nossa psique, verdades, crenças e sentimentos e começar a clarear esses aspectos, porque são eles os verdadeiros causadores do mal que fizemos a esse planeta. Nossos pensamentos e atitudes contra nós mesmos e os outros estão por trás de toda circunstância e ação destrutiva. O pensamento é uma energia que podemos medir e que tem o seu impacto. Pensamento é uma forma de criação e nós vivemos de acordo com o que criamos. Vamos redesenhar e criar formas que possam trazer confiança às pessoas para se unirem novamente. Então poderemos trazer de volta o amor onde hoje existe o medo.

O livre arbítrio é um princípio universal e que devemos praticar. Quando você se lembrar que é um ser divino e criativo com livre arbítrio você também saberá que existe a possibilidade da escolha. Nós não evoluiremos sem transformações, por isso

necessitamos equilibrar as polaridades de todas as experiências em nossas vidas, integrando as nossas dificuldades. O desafio é equilibrar os nossos relacionamentos pessoais e transpessoais. Isto, é claro, exige muita determinação para ser alcançado e por essa razão seria bom praticarmos exercícios respiratórios e de meditação para melhorar o contato com nossa energia intuitiva. Assim que intencionalmente ficarmos conscientes desse processo iremos estimular a compreensão para encontrar caminhos e para começar novas formas de nos relacionarmos. Vivemos em um período de múltiplas soluções criativas e é excitante e divertido quando nos liberamos de nossas próprias limitações. No despertar nos tornamos conscientes de nossas sombras e da corrupção em todos os níveis da nossa sociedade. Tudo precisa de purificação não de incriminação ou julgamento. Precisamos nos livrar de nossas diferenças e optar pelo amor e harmonia com tudo e com todos a nossa volta. Mudanças positivas são nosso passaporte para esse novo estado de consciência. ■



**A CASA DO
APRENDIZ**

Seminários com Robert Happé

Em junho "A Casa do Aprendiz" tem o prazer de receber o filósofo holandês Robert Happé. Formado em Vedanta, Budismo e Taoísmo no Oriente. Seus seminários são dirigidos as pessoas interessadas em desenvolvimento de seu potencial interno, espiritual e auto-conhecimento.

Nos dias 27 das 19:00h às 23:00h e 28 das 9:00h às 17:00h ele ministrará o **seminário 6**.

Nos dias 28 das 19:00h às 23:00h e 29 das 9:00h às 17:00h ele ministrará o **seminário 3**.

Investimento: **R\$ 120,00** incluindo alimentação.

Inscrições pelos telefones: **205-9743 e 225-0089**

POR ROBERT HAPPÉ

Quanto vale uma idéia?

A profissionalização da arte - obrigação ou heresia?

COM A PALAVRA CLAUDIA PIMENTEL*

Em pouco tempo de vida, já deu para se perceber que "Vertente" veio abrir um importante espaço de debate entre arte-educadores. Essas pessoas, com tendência a formar grupos, trupes, parcerias ou mesmo encontrar um caminho individual, têm um produto que querem vender numa sociedade de regras bem marcadas que envolvem contratos, divulgações, orçamentos.

Tudo o que procuram é o prazer de realizar seus sonhos. No entanto, além do esforço de criar idéias e desenvolver projetos, vêm-se às voltas com números de telefones de jornais faxes, press release, empresários, patrocinadores e outras instâncias, que muitas vezes não falam sua língua e sabem muito bem falar a língua do mercado.

Não adianta preguiça nem reclamação. O caminho é criar instituições e definir contratos de trabalho onde tudo fique bem claro antes, para depois não chorar diante do leite derramado. O contrato é antes de tudo um documento de memória, que alguns profissionais, às vezes, se esquecem de fazer.

Além disso, seria bom se houvesse uma comunicação entre estas firmas de prestação de serviços culturais infantis, vamos dizer assim, que gerasse uma espécie de "tabela" onde se fixasse uns preços mínimos para produtos como: idéias, oficinas, jogos, brincadeiras, sessões de histórias, filmes, vídeos, teatros, bonecos e outras ferramentas de trabalho. A programação cultural infantil desenvolvida em museus, bibliotecas, cinemas, empresas, shoppings, escolas e outros centros culturais, precisa de profissionais preparados, que saibam definir no papel exatamente o que está em jogo.

Está na hora do pessoal se unir e perceber que nós formamos um segmento novo do mercado de trabalho, que vive sujeito às leis da oferta e da procura como qualquer outro. E a procura de programação cultural infantil é cada vez maior, determinada por transformações na

história social da família e da infância. A indústria do brinquedo acompanhou muito bem este movimento. O meio editorial também. O teatro infantil está perto de conquistar lugar próprio. As colônias de férias receberam matéria de destaque na parte de economia dos jornais, no último verão. E nós que acreditamos na educação através da arte? Que novidades temos a oferecer?

Acabo de ter uma experiência que me colocou diante desta questão. Trabalhei num projeto que atendeu a 12.000 crianças, só na etapa carioca, num centro cultural que tem sede no Rio e em São Paulo. Em todo material de divulgação (press release, folder, comunicação para escolas públicas e particulares) está escrito que as atividades das oficinas de arte-educação seriam de responsabilidade de uma equipe aqui no Rio e outra lá em São Paulo. Mas o que aconteceu realmente foi que o centro cultural usou as idéias e ferramentas de trabalho da equipe do Rio para subsidiar o trabalho da equipe de São Paulo. E não se falou do valor de idéias nem do valor de jogos e outros materiais pedagógicos que foram elaborados pela equipe do Rio.

Este é um tipo de situação onde empresários se aproveitam do fato de não haver contrato sobre direitos autorais. Coisa parecida acontece quando o projeto de uma equipe não é aprovado por um centro cultural que depois o executa com outra equipe.

O debate continua, a vida também. O mais importante é reconhecer que o mercado está aberto e que sempre existirá diferença entre poesia e enganação. E muitos empresários e patrocinadores sabem ver esta diferença! A imprensa colabora para a construção de indicadores da qualidade do que se oferece às crianças, sempre que divulga a opinião de educadores, artistas, produtores e outras pessoas que pesquisam a linguagem infantil. Parabéns ao pessoal do "Vertente". ■

*Mestre em Educação pela PUC-Rio e Arte-educadora formada pela Escolinha de Artes do Brasil

TRIBUNALIVRETRIBUNALIVRETRIBUNALIVRETRIBUNALIVRETRIBUNALIVRE

Em Niterói tem uma escola apaixonante...



MIRAFLORES

Rua Ministro Octávio Kelly, 474 - Icaraí
714-6838 / 710-8189

Do teatro aos computadores.
Da biblioteca ao coral.
Dos esportes à educação ambiental.
Do inglês à música.
Da matemática à nossa língua.

Qualidade nem
sempre é mais caro

Matrículas Abertas do Maternal à 8ª série

Ricardo Blat - o cisne

Seu trabalho é o mesmo para qualquer platéia: infantil,

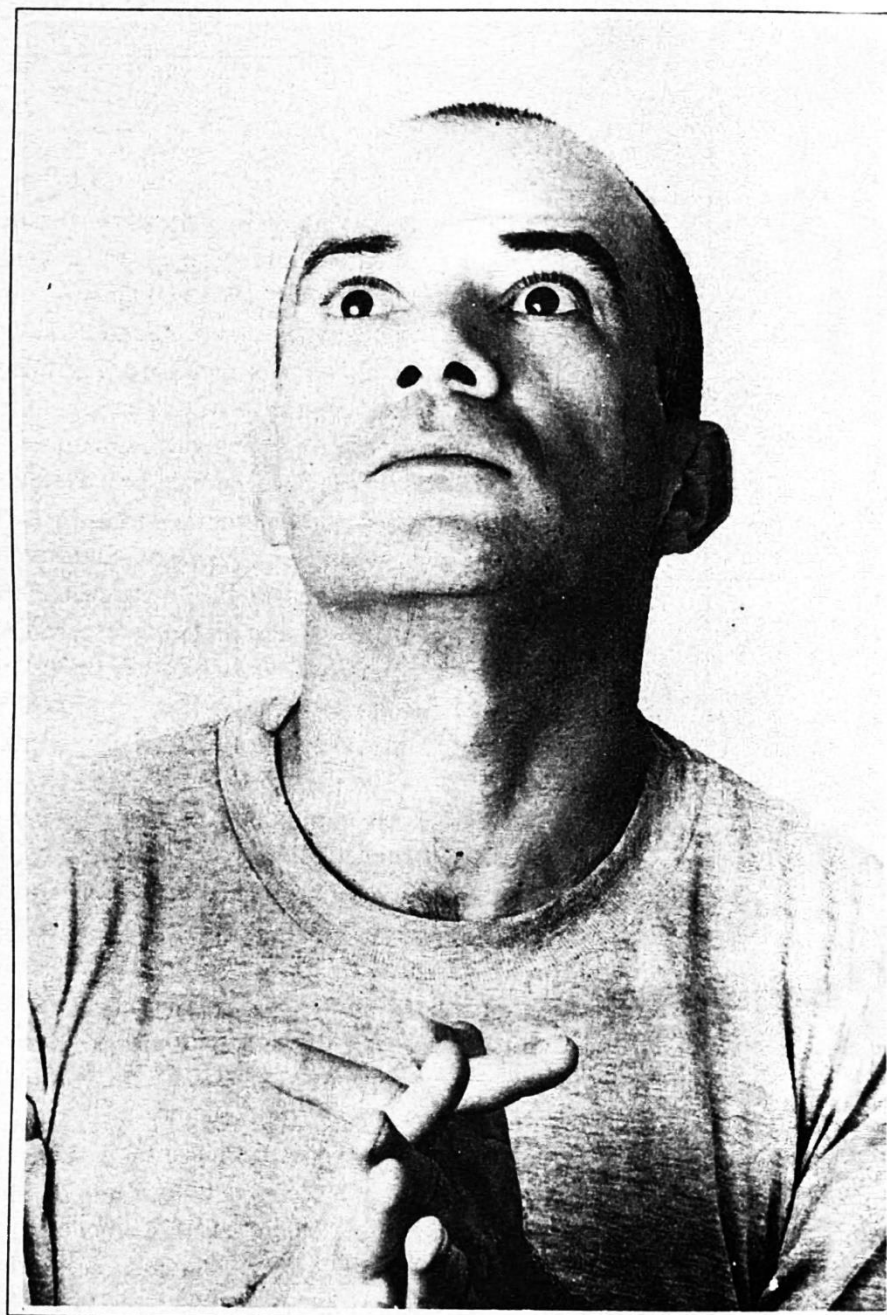
Ricardo Blat é um desses raros atores que se entrega totalmente a sua arte. Sem fazer nenhuma diferença, entre estar num palco representando para uma platéia adulta ou para uma platéia só de crianças, Ricardo Blat está em cena apenas com o prazer de representar. De malas prontas para embarcar para a Biennale Theatre Jeunes Public em Lyon, com o espetáculo "O Patinho Feio", representando o Brasil neste festival, o Blat ator, viaja muito bem acompanhado do irmão Rogério Blat, autor do texto "O Patinho Feio" e da mãe, Dona Antônia, o real equilíbrio da família. Num ano em que tudo aconteceu muito rápido, o ator fala ao *Jornal Vertente*, sobre a arte de viver e de representar.

Para o ator Ricardo Blat, o ano de 1997 foi, como no conto de Charles Dickens, "o melhor e o pior dos tempos". Na festa de entrega do Mambembe deste ano ele dedicou seu prêmio de melhor ator, no espetáculo "Na Solidão dos Campos de Algodão" ao irmão Rui, morto pouco dias antes. A dor da perda não se misturou à alegria da festa, mas chega numa hora em que o ator está preparado para celebrar a vida no exato momento em que ela está acontecendo. "Tudo ficou mais claro, tudo é muito mais urgente, não temos muito mais tempo para as coisas pequenas e para as mesquinhas. A vida tem muito valor".

Ricardo passa 6 horas do seu dia estudando em francês com o diretor Thierry Trémouroux, o texto de **O Patinho Feio - Le Vilain Petit Canard** - de seu irmão Rogério Blat, para se apresentar no **Theatre des Jeunes Annés** em Lyon, que este ano apresentará 4 peças brasileiras em sua bienal.

Seu método de trabalho é dos mais interessantes: "Eu comecei a estudar o texto em francês em 1 de janeiro. Naquele calorão eu me trancava no quarto com ar refrigerado ligado e ficava lendo. Aí

achei que era melhor escrever em cima das palavras em francês, o som delas. Logo depois, eu vi aquele filme, **O Livro de Cabeceira**, que é sobre a palavra escrita e acaligrafia, então eu fiz também um exercício de caligrafia e copieei somente o som das palavras. Agora eu leio seis horas por dia como se estivesse fazendo exercícios numa barra. Como fazem os bailarinos quando se enchem de técnica para depois, na hora da apresentação esquecer aquilo tudo e voar no palco. Eu quero que a platéia voe comigo. Quero me sentir um Jumbo." Aliás a dança esteve sempre ligada ao trabalho de Ricardo, que na verdade começou sua carreira querendo ser bailarino e ficou muito decepcionado quando não passou no teste para **Jesus Cristo Superstar**, no Teatro Aquarius em São Paulo. Na nova temporada de **Na Solidão dos Campos de Algodão**, que faz com Gilberto Gawronski, chega duas horas antes para falar o texto, ou esquentar aboca como ele mesmo diz, só para aquecer. "Esse



não é um espetáculo de técnica e só dá pra fazer com quem a gente ama muito. Nele a gente mexe com os maiores segredos e os maiores mistérios. Daqueles que não se conta pra ninguém. Quando eu e o Gilberto entramos no palco, não temos a menor idéia do que vai acontecer, qual vai ser a negociação. Eu não controlo a minha reação. Neste

DEPOIMENTO GILBERTO GAWRONSKI

Eu e o Ricardo estamos trabalhando juntos há 7 anos. Já até pensamos que o número é decisivo, e depois desses últimos trabalhos- O Patinho feio e Na Solidão nos Campos de Algodão- trabalhos tão densos, o que será que a gente vai montar agora?

Foi engraçado quando a gente se conheceu. Foi em Histórias de Borboletas, em 1990. O texto é do Caio Fernando Abreu e é um conto. Um dia a produtora me perguntou quem eu queria convidar para o papel, eu disse que pensava no Ricardo, mas eu não conhecia ele, e morria de vergonha de fazer o convite. de qualquer jeito eu fui. Ele leu

o texto e disse: mas é um conto. Depois ele pensou um pouco e eu já morrendo de medo com a pausa dramática que ele deu. Aí ele disse: se eu não aceitar, quem você vai convidar para o papel? Eu super sem graça fui dizendo: assim de primeira só penso no John Malcovichi. Ele riu e disse: acho que o John vai perder esta. É incrível trabalhar com o Ricardo, porque ele é um ator que se entrega completamente no palco. Também é muito engraçado. Na Solidão..... eu fiz ele decorar o meu papel e eu o dele. Só quando nos juntamos para os primeiros ensaios é que eu avisei a ele que íamos trocar de papéis. Aí ele me disse: mas eu já decorei tudo. Eu falei: que bom agora você já sabe o que eu sinto. A estratégia é arriscada, mas cada vez que ele sobe lá no palco para receber os prêmios e me agradece, eu penso: que bom que deu certo.

voa até Lyon

adulta, comportada ou supostamente de vanguarda

último final de semana, eu deixei o teatro e comecei a gritar na Vieira Souto (o Teatro é o da Casa de Cultura Laura Alvim). O público ficou lá dentro com a absoluta certeza de que tudo aquilo que estava acontecendo era com a cumplicidade dele.”

Quando Ricardo Blat diz que não acredita em nenhum tipo de teatro convencional ou experimental, mas apenas no teatro, ele não está propondo nenhuma frase de efeito. Seu trabalho é o mesmo para qualquer platéia: Infantil, adulta, comportada ou supostamente de vanguarda. “Eu acho um absurdo o ator que brinca de fazer de teatro. Essa é uma brincadeira que não se faz com o público. As vezes é melhor devolver o ingresso. Eu estou ali porque quis, ninguém me obrigou, então que eu dê o melhor.”

Na primeira montagem de **Na Solidão nos Campos de Algodão**, acabavam a peça deixando o público sozinho no Espaço Cultural Sérgio Porto. Meio sem graça, a platéia dançava ao som da disco music, enquanto os atores davam a volta no teatro, passando pelo posto de gasolina: “No começo não era pra gente voltar mesmo, mas o Gilberto acha que o público fica esperando a gente no palco para agradecer. Quando fizemos **Histórias de Borboletas**, no Mercado São José de Laranjeiras, eu ia embora pra rua, e só voltava muito tempo depois para ajudar a guardar os cenários, aí eu encontrava o público ainda no teatro. No Sérgio Porto, a gente voltava logo, mas quando dava a volta no posto era bárbaro. O Gilberto com aquele cabelo cor de rosa e uma roupa meio de cobra, eu com os olhos pintadíssimos, acabávamos com qualquer ousadia estética da rapaziada que circulava ali pelo Humaitá, prontinhos para saírem nas noites de sábado.”

Na sua preparação como ator, Ricardo não fica só no teórico: O ator tem que conhecer tudo: artes plásticas, ballet, tem que ouvir disco, viajar e principalmente olhar tudo que está a sua volta. Olhar o sol quando nasce e quando se põe, porque no palco a gente tem aprender a nascer e a morrer”.

O Blat ator, é um paulistano da Liberdade que aos 10 anos foi morar em Ferraz Vasconcelos, na Grande São Paulo; dava aulas particulares para crianças e aos sábados e domingos se *internava* no Teatro Experimental Mogiano (em Mogi das Cruzes), em São Paulo atuava numa super montagem de **O Rapto da Cebolinhos** de Maria Clara Machado. Foi convidado por seu primo Roberto Lage para fazer um teste com Antunes Filho para **Peer Gynt**. Passou e ganhou do diretor o apelido de Peter Pan, porque nesta época já voava no palco. De lá pra cá sua carreira decolou sem nenhum preconceito com o gênero teatral que estava representando.

Completamente eclético em seu repertório, o Blat ator, se sente um privilegiado em ter trabalhado com diretores tão diferentes. Com Cacá Rosset em **Teledium**, Flávio Rangel em **A Capital Federal** e em **No Sex Please**, o prazer de estar no palco era a mesmo. Desta última peça ele conta uma história. “Eu tive o prazer de trabalhar no Teatro Mesbla com André Villon. Aquilo já era uma loucura, a gente tinha que passar por dentro da loja inteira até chegar ao teatro. O André me ensinou coisas que nenhum teórico seria capaz, porque ele aprendeu com o público. Ele sabia exatamente o tempo da comédia. Todo dia eu entrava no palco, e fazia uma cena que não surtia o menor efeito na platéia. Um dia o André me disse: Sabe por que ninguém ri da sua cena? O tempo está errado. Você tem que fazer assim, entra, não pensa em nada, conta até 3 e diz sua fala. Foi uma gargalhada geral.”

Ricardo Blat, que se tornou sem nenhuma intenção, ou chavão, um ator sem idade, passou por experiências que poucos profissionais de sua geração tiveram a oportunidade. Como ele mesmo diz, e reivindica a volta, ele é do tempo em que a crítica teatral comparecia aos ensaios para conversar com os atores. Sem que esse tempo de palco tenha tornado sua arte mecânica, o Blat ator, está pronto para mais uma aventura teatral, como as 15 apresentações que fará em Lyon, no idioma local para uma platéia totalmente desconhecida, ou para palpitar no mais novo texto de Rogério Blat. Porém a síntese teatral dos o dos Blat, tem um segredo. É

ele quem conta: “O meu equilíbrio e do Rogério está na nossa mãe Antônia. Quando as idéias começam a ficar muito interplanetárias, ela prepara um feijão com arroz bem quentinho e serve com bife a milanesa. É o jeito dela nos mostrar que o melhor está na simplicidade.” Pelo resultado que vem obtendo, a estratégia sem dúvida nenhuma é prá lá de eficaz. ■

Lúcia Cerrone

Jornalista

Carta a Ricardo Blat

A princípio, nossa conversa não iria passar de um “ping-pong” e uma entrega de fotos - quase que burocrática - para este número. A frieza de perguntas pré-estabelecidas logo deram lugar a uma conversa aberta, livre de qualquer compromisso perturbador. Ao ver este exemplo de Ator - com letra maiúscula - falar de toda a sua dedicação e compromisso com a comunicabilidade de uma história, servida de todas as emoções vividas e vivenciadas por ele nos momentos que antecederam a ela, é apaixonante. “Não posso e não quero fazer todo dia a mesma coisa, além de ser impossível, não é “verdadeiro”, não estarei comunicando à platéia o que realmente está dentro de mim”. Revela-se claramente o objetivo deste Ator sempre em busca da troca com o público, “se é para fazermos tudo igual todos os dias, então vamos fazer um filme”.

Durante suas explanações de como ele vê o trabalho do ator, e ao ouvi-lo falar de Rogério Blat (seu irmão) e Gilberto Grawonski (seu também irmão), vê-se em seus olhos mais que um brilho “normal” de uma pessoa apaixonada pelo que faz, vê-se força e uma incrível dedicação diária ao seu trabalho. Dá pra imaginar este Ator durante o seu dia vendo as coisas ao seu redor e não simplesmente olhando, escutando e não só ouvindo, sentindo e não só percebendo. Parafaseando Byron “Seus pensamentos são o que há de mais valor na arte do pensar”. Seu objetivo como ator que trabalha incansavelmente é trocar... TROCA essa é a palavra!

Parabéns e Boa Sorte em Lyon!

Gustavo Paso
Ator

DEPOIMENTO ROGÉRIO BLAT

A minha amizade com o Ricardo é transcendental. E eu sei que é raro dois irmãos se darem tão bem. Mas sempre foi assim. Mesmo quando estou trabalhando com outras pessoas ele tem que dar uma passada lá para acompanhar os ensaios. Quando eu escrevo pra ele, eu já sei exatamente o que ele vai gostar, outras vezes eu provooco umas situações para interferir com algumas coisas dele mesmo. No Patinho Feio foi assim. Eu sempre tive medo desse conto, porque ele

lidava com situações sombrias de um mundo mágico angustiante. Esse texto só pode ser escrito desse jeito, pela enorme capacidade de criação do Ricardo que está em cena sozinho num monólogo sobre os *out siders*, sobre os que estão fora da boiada, sobre os que estão contra a maré.

O texto agora em francês, ganhou outro ritmo. O Ricardo vai enlouquecer essa nova platéia. Só tenho medo que convidem ele pra ficar morando lá pra toda vida.

E atenção! Você que conta ou gosta de histórias agora pode tirar suas dúvidas ou dividir seus conhecimentos através desta coluna. Esta é uma parceria do Jornal Vertente com o Grupo Morandubeté de Contadores de Histórias que manda o seu recado.

TRANSPASSADOS DE HISTÓRIAS

Tudo começou num verão! Não era o de 1942, mas o verão de 1990. Chegavam na cidade do Rio de Janeiro, trazidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), dois Contadores de Histórias que coordenariam um curso para ensinar as técnicas da arte de narrar. Ela venezuelana; ele brasileiro, nascido em Minas. Os dois moravam em Caracas e pertenciam ao grupo de contadores de histórias, chamado En Cuentos Y Encantos. Numa turma de 20 alunos, quatro pessoas resolveram se juntar e formar um grupo de contadores de histórias. Assim começava a nascer o que viria a ser depois o Grupo Morandubeté. O nome extraído da língua tupi-guarani significa coleção de histórias. Histórias que foram abrindo portas para a nossa construção pessoal e profissional.

Quando começamos a contar histórias, reativamos a importância dessa arte que há tempos estava esquecida. As histórias estavam adormecidas e a prática de contá-las trancada muitas vezes entre quatro paredes. E fomos aos poucos, com um “beijo”, acordando a arte de narrar. E quem é que não tem guardado, no baú da memória, alguma história para contar? Se não ouviu, viveu, leu ou até mesmo sonhou viver e inventou!

A origem dessa arte é muito antiga, sabemos. Desde as sociedades mais primitivas, os contadores narram suas histórias. Histórias de viagens e chegadas; o saber do passado e o saber de terras distantes; os mistérios da vida e os mistérios da morte. O contador vai tecendo tudo isso com palavras que viram falas e que são aos poucos recebidas e interpretadas pelo ouvinte, que visualiza e constrói os personagens de cada história. À cada mudança de voz e movimento de corpo, o ouvinte se concentra na expectativa de que algo surpreendente acontecerá: o contador faz a platéia se embalar ao som da história contada. O olhar, a todo tempo, seduz e convida o ouvinte para adentrar pelo cenário da história. Muitas vezes ele fecha os olhos e se percebe diante do fato narrado, pois relatar fatos significa contar ações, contar movimentos, e é isto que faz o contador.

O ato de contar histórias está sempre vinculado ao passado; ainda que o

tempo narrativo seja o futuro, o fato já aconteceu. E o contador é o detentor desse saber. As pessoas muitas vezes indagam: - E as técnicas existem? Sim, e são muitas, que variam de pessoa para pessoa e no decorrer do tempo. Os antigos e tradicionais contadores também tinham as suas, mas muitos não percebiam que as possuíam. E contavam com desenvoltura e encanto. Hoje as pessoas conhecem essas técnicas e já sabem como utilizá-las; alguns mais sutis, outros mais extravagantes, cada um a seu modo, e de preferência com bastante naturalidade para ficar verdadeiro. Por isso o conto deve ser real, mesmo dentro da fantasia. O ouvinte precisa acreditar naquilo que ouve e o contador no que fala.

Cabe dizer aqui que este ouvinte não tem idade, pois não contamos histórias só para crianças, contamos histórias para todos aqueles que queiram ouvir. E muitas dessas pessoas são adultos que arregalam os ouvidos para deixar passar, novamente pelo coração, as histórias que um dia eles ouviram, viram ou tiveram vontade de viver. E muitos, como crianças, pedem: - repete aquela?! Acreditamos que no momento em que as pessoas param para ouvir, os dois, - narrador e ouvinte - caminham juntos nos traçados dos enredos, vivendo naquele momento (ou revivendo, talvez) toda a emoção que a história faz brotar. Sendo assim, um conto é fonte de prazer e emoção que pode ser sentida por qualquer ser humano, não importando a idade do ouvinte. É claro que não devemos esquecer que existem histórias para cada tipo de público, mas o ato de ouvir não tem idade. O que acontece é que a criança tem o “despudor da primeira infância, de querer tudo descobrir, conhecer e ouvir”.

Acreditamos no poder que a história tem de provocar emoções e despertar o ouvinte para o fascínio da palavra escrita e da leitura. Sabemos também que a história contada ao pé da cama, na sala de aula ou no parque (mas é claro, sem cobranças didáticas) é o elo entre o leitor e o livro.

É através das histórias narradas que podemos fazer brotar no ouvinte o desejo de querer ouvir, ler e descobrir outras histórias. E como diz o ditado “uma história puxa outra”.

História Aberta

REDE NACIONAL DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

O Grupo Morandubeté de Contadores de Histórias após circular pelos quatro cantos do Brasil percebeu a necessidade de se comunicar com tantas pessoas interessadas e atuantes nessa tão antiga arte de contar histórias. Por isso se você é contador de histórias mande seu material prá gente: queremos te conhecer, saber do seu repertório de histórias, seus autores favoritos ou se você é aquele famoso contador de “causos” de sua cidade. Também queremos nos corresponder com os grupos que existem. Nosso objetivo é criar o cadastro nacional de contadores de histórias para troca de experiências, informações e o melhor: promover junto com o Jornal Vertente o I Encontro Nacional e Internacional de Contadores de Histórias, muito breve. Agora caso seu interesse seja saber mais sobre o assunto é só escrever que estaremos aqui prontos para responder.

Correspondência para a sede do Jornal Vertente ou para o Grupo Morandubeté, Rua Hermenegildo de Barros, nº 8/401 Glória - Rio de Janeiro/RJ - CEP 20241-040

Vertente atravessa fronteiras

CONSELHO EDITORIAL PARTICIPA DE EVENTOS NA ARGENTINA

Em abril o Vertente saiu pela primeira vez do Brasil. Primeiro com a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil que levou exemplares para seu stand da Feira de Literatura Infantil de Bolonha. Depois na Feira Internacional do Livro de Buenos Aires, onde estiveram alguns membros de seu conselho editorial: Benita Prieto e Lúcia Jurema Figuerôa.

No CONGRESSO INTERNACIONAL DE PROMOÇÃO DE LEITURA E DO LIVRO, Lúcia Jurema, da Editora Nova Fronteira, colheu depoimentos sobre o problema da leitura, que como veremos, são universais.

"A dificuldade de formar leitores é a mesma. Mas temos bons professores que ao lerem uma história conquistam o leitor. Agora os cursos de nível superior, na Grã-Bretanha, tem aulas de literatura infantil. E os universitários ficaram encantados."

Morag Styles - Grã-Bretanha

"As bibliotecas públicas recebem apoio financeiro. O governo sabe que promover a literatura ajuda no crescimento do país."

Jean-Guy Boin - França

"Agora a moda são livros informativos para as crianças. Os editores devem dedicar mais atenção para saber se a informação científica tem fundamento."

Gregorio Klimovsky - Prof. e Investigador da Univ. de Belgrano

"Livreiros tem que reaprender a vender livros de venda lenta, não podem querer viver só de best-seller. Mas o livreiro não fica na livraria e delega as vendas para pessoas que não tem o gosto pela leitura." **Jorge Alberto Bisbini - Editor da Vender + Libros**

"Normalmente as campanhas de leitura do governo encobrem sua omissão em relação a Educação do país: salário baixo dos professores, precariedade das escolas públicas, falta de livros nas bibliotecas, abandono dos meninos de rua... Estas campanhas só atingem àqueles que já são leitores." **Silvia Castrillon - Diretora do Fundalectura da Colômbia**

II ENCONTRO ARGENTINO E LATINOAMERICANO DE NARRAÇÃO ORAL

Este texto é uma contribuição do Grupo Morandubeté que esteve no Encontro ministrando oficinas, participando de mesa redonda e contando histórias. Nesta viagem foram patrocinados pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e tiveram apoio do Instituto Cultural Brasil-Argentina e Aerolíneas Argentinas.

"Foi com saudades que voltamos ao Brasil. Trouxemos nas malas as lembranças das falas nas conferências, dos gestos nos encontros pelas manhãs e dos olhares durante as oficinas. Voltamos perfumados de histórias dos Pampas, cheios de perguntas e algumas respostas. Foram levantadas questões muito importantes para o Contador de Histórias, como por exemplo a idade para se escutar contos. Será que contar e ouvir histórias é uma atividade exclusiva para crianças? Achamos que tivemos esta resposta durante a mesa redonda, mas ao mesmo tempo pensamos em outra questão: existem contos específicos para cada idade (seja pelo tema, pela forma narrativa, pela maturidade do ouvinte)? Outra questão importante é sobre a narração como arte, técnica, profissão ou ofício. Pena que pelo número excessivo de participantes, na mesa, não tivemos a possibilidade de ouvir as perguntas do público. Quanto a conferência sobre a importância do gesto e da voz para o narrador, acreditamos que ficou comprometido já que a exposição se baseou em slides. Também aconteceram oficinas com temas variados e número excessivo de participantes.

Mas o melhor da festa foi o Alrededor del fogón, onde narra histórias quem queria. Tivemos a possibilidade de ver estágios diferentes de narradores: uns principiantes e outros tarimbados. O mais bonito acreditamos que foi a troca, pois haviam contadores da Espanha, Argentina, Chile, Uruguai, Brasil... misturando suas palavras, idéias e culturas."

EDITORA NOVA FRONTEIRA apresenta seus Autores - Revelação



BIA HETZEL

"ROSALINA"

PRÊMIO JABUTI
AUTORA REVELAÇÃO
MELHOR ILUSTRAÇÃO
FNLIJ - 1995
AUTAMENTE RECOMENDÁVEL



LEO CUNHA

"O SABIÁ E A GIRAFA"

PRÊMIO JABUTI
AUTOR REVELAÇÃO
MELHOR ILUSTRAÇÃO
FNLIJ - 1994
AUTOR REVELAÇÃO
AUTAMENTE
RECOMENDÁVEL



CELSO SISTO

"VER DE VER MEU PAI"

FNLIJ - 1995
AUTOR REVELAÇÃO
AUTAMENTE
RECOMENDÁVEL

**EDITORA
NOVA
FRONTEIRA**

Olá, leitores!

Quero agradecer, em nome de minha família, os livros que tem sido enviados pelas editoras e pelos autores. Todos serão lidos e se possível comentados. Aproveito para contar que estivemos na Argentina, no final de abril, e fomos conhecer a Feira de Livros de Buenos Aires. Ficamos impressionados como o evento é concorrido e repleto de atividades, todas voltadas para a divulgação dos livros e autores, ou seja, a estrela da festa é a Literatura. Também gostamos das promoções feitas com livros de qualidade e preços realmente vantajosos. Seria bom que os editores brasileiros fizessem uma visita a essa feira.

Até sempre, Margarida Lobato.

Sugestões

Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros

Mãe Beata de Yemonjá; ilust. Raul Lody.
Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 1997.

Achei! Procure a piada e deixe o livro em pé

Frances Cony; trad. Lenice Bueno da Silva.
São Paulo: Ed. Ática, 1996.

Griso, o unicórnio

de Roger Mello.
São Paulo: Ed. Brinque-Book, 1997.

Contos de Fada: Grimm e a literatura oral no Brasil

Angela Leite de Souza.
Belo Horizonte: Ed. Lê, 1996.

Contos Contidos

Maria Lúcia Smões.
Belo Horizonte: Ed. RHJ, 1996.

Democracia: cinco princípios e um fim

organizado por Carla Rodrigues; ilust. Siron Franco.
São Paulo: Ed. Moderna, 1996.

Esta força estranha: trajetória de uma autora

Ana Maria Machado.
São Paulo: Ed. Atual, 1996.

Insônia

Marcelo Carneiro da Cunha.
Porto Alegre: Ed. Projeto, 1996.

O menino detrás das nuvens

de Carlos Augusto Nazareth; ilust. Ana Luisa Sigon.
Rio de Janeiro: Ed. Didática Científica, 1997.

Série LeRelendo

vários autores.
Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1996.

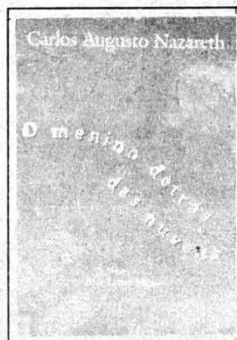


Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros

"Na beira da fogueira, na noite de lua cheia" este é o título do prefácio de Zeca Ligiero para o livro de Mãe Beata. Assim nos sentimos quando lemos as histórias da tradição afro-brasileira recolhidas, lembradas ou recontadas pela autora, pouco importa. O prazer está em viajar através desse imaginário, tão nosso, que nos religa a ancestralidade. Os contos podem ser lidos ou contados pelos pais, professores, tios, avós, amigos, irmãos, padrinhos e madrinhas. Dão margem para discussões sobre tradições, valorizam a solidariedade, o respeito à natureza e o sentimento religioso. As histórias são simples e farão sucesso entre os leitores com alguma experiência de leitura. É importante frisar o toque delicado que as ilustrações de Raul Lody dão a este livro evocando a África, a terra, o primitivo

Griso, o unicórnio

Não tem jeito, volta e meia nosso amigo Roger aparece nesta coluna. E todas as vezes ele é único, sua criatividade é impressionante. Neste livro temos uma viagem pela arte da humanidade e acompanhamos a trajetória de Griso, o último unicórnio, que procura outro de sua espécie. Trilhando esse caminho com o personagem vivemos uma história enxuta e precisa, tendo a oportunidade da surpresa a cada ilustração pois são verdadeiras obras de arte. E Griso está sempre espetacularmente colocado. É um primor que encantar os leitores com alguma experiência de leitura. Outro dado importante é que o livro é extremamente informativo sem ter esse objetivo explicitado. É a famosa boa literatura que provoca e instiga para novas descobertas. E para completar fica a pergunta: Terá Griso encontrado o seu semelhante?



O menino detrás das nuvens

Este é um livro diferente, pois não poupa o leitor, o texto é denso, a ilustração é sofisticada, o papel é agradável, a combinação de cores é atraente. É um livro para crianças? Claro, principalmente para aquelas que estão detrás do escuro, do medo, do espelho, da dúvida, da lua, da vida e do jogo. As três histórias que compõem o livro nos levam para o nosso interior e para uma saudade que nos persegue do algo não vivido. Será do menino detrás do menino? Como diz um trecho de uma das histórias "Deu adeus ao circo, foi dormir, e guardou em seu peito a magia. Para sempre." Nos parece que somente um autor que conseguiu verdadeiramente entender o significado dessa frase consegue escrever como Carlos Augusto Nazareth. Os leitores com habilidade de leitura vão se emocionar. Quanto as ilustrações: são elaboradas e parecem que de difícil execução, pois a indefinição definida necessária para a compreensão não se consegue da primeira vez. O efeito final é muito interessante e minha família não se lembra de ter visto algo parecido num livro infantil. Para finalizar nossos parabéns a Editora Didática Científica, esperamos que este seja o primeiro de muitos bons lançamentos.

Desencontros em Contos¹

Desde pequena gostei dos contos de fadas, porém não costumava a me conformar com eles. Como a Chapeuzinho Vermelho podia ser tão cegueta a ponto de confundir o lobo com a avó?

Como um sapatinho só caberia numa única moça? Como os pais de Joazinho e Maria podiam largar seus filhos no mato?

Descobri entendi hoje porque há tantos desencontros amorosos. Vem comigo, e segue meu raciocínio.

Até os primeiros dois anos, menininhos e meninas recebem a mesma atenção. Tudo igual, só muda a cor dos sapatinhos. Até a decoração do quarto é a mesma com a Turma da Mônica. Então, fazem dois anos, aprendem a fazer pipi no nonó. Neste momento, vestem a menina com um vestidinho bem curto e dizem a ela que a calcinha não pode aparecer. Colocam um short no garotinho, ensinam a "regar as plantinhas" e um tio diz orgulhoso "mostra os documentos!" Dão de presente para a menina uma boneca, um conjunto de xicrinhas e uma casinha que acende à luz.

Dão de presente para o menino uma bola e um revólver plástico.

Quando têm uns 8 anos mais ou menos, o menino vê alguns "catecismos" cheios de louras com ligas pretas, várias. E gosta. A menina é levada para ver o Brad Pitt, os Menudos, e gosta!

Enquanto isso, enchem a cabecinha dos dois de contos de fadas. Ora, o que é um conto de fada?

A história de uma princesa que sofre como o diabo até que chegue um príncipe e lhe dê um beijo e assim vivem felizes para sempre. A história acaba aí. Pois ser feliz não tem história.

Daí, quando o menino dá um beijo na menina ela quer ser feliz para sempre!

Mas ser um príncipe não é nada agradável para o menino. Poxa, eu não quero matar dragão nenhum! Grita ele. E depois, o príncipe nem nome tem. As princesas são Cinderelas: Rapunzel, Branca de Neve, Rosa... e os príncipes? Ninguém sabe. E depois ele só aparece no final da história nem texto tem!

Mais tarde, reclamam que os homens não conversam, e que as mulheres falam demais! Pudera! Deram um texto para elas! E para eles o silêncio.

Assim, o menino conhece o James Bond. Perfeito! Um profissional bem sucedido cheio de louras de ligas pretas! É isso o que eu quero! Mas poxa, eu não sei saltar de avião em pleno vôo! Eu não tenho o relógio espião! Só tenho um revólver e uma bola de plástico. Nunca conseguirei ter as louras de ligas pretas... Só tenho um nome e um texto que não sei interpretar. Mas a menina exige: problema seu! Eu tenho a xicrinha, a boneca e a casinha que acende luz e, além do mais, você me beijou! Agora quero ser feliz para sempre!

Vire-se.

Mas o menino não pode fazê-los felizes para sempre, afinal, ele não matou o dragão, não tem nome, não tem texto, como matar um dragão com um revólver de plástico? Quais as opções? A menina tem três: ou fica de princesa emburrada linda e loura

com uma verruga no nariz tendo um corvo como companhia azucrinando a vida de todos; ou vira fada. Esta tem sido a opção atual de várias mulheres: solidão benfazeja mas mantendo a mágica!

E o menino? Ou vira o famoso Peter Pan, e nunca cresce: ou escolhe ser o anãozinho da Princesa: ou o James Bond frustrado. Sempre se achando sapo ou fera, esperando agora que a princesa o beije e o transforme num príncipe! Porém, como as ligas pretas com seu charme, e o bem sucedido James Bond não o abandonaram, ele espera que a princesa lhe beije bem mais tarde, e reforça seu comportamento de fera. Ele se vê como uma fera. Espera o beijo para virar príncipe. Quando este chega, está velho demais para matar o dragão.

O pior é que, se realmente a princesa o beija, ele morre de medo de virar aquele príncipe pastel da outra história! Esquece-se que, geralmente, quem o beija, não é a princesa loura emburrada, e sim a fada mágica. Gente temos que mudar este script!

Há quemouse mudar, como uns menininhos que pegam as xicrinhas das meninas, trocam as fraldas dos filhos tentando serem felizes para sempre, porém, o James Bond o chama e a sua Princesa, ou sonha em ser fada ou exige que ele mate o dragão (barata)!

Bem, se eu não estou demorando, acho melhor que nós, autores de livros para crianças pensemos nisso e contemos histórias com inícios e meios felizes. não apenas finais!

Ângela Carneiro

¹ Este texto faz parte do livro "Amor: Coisa pra gente grande".

Classificados

<p>AULAS DE MÚSICA À DOMICÍLIO: Piano, teclado, flauta doce, teoria musical, acompanhamento para cantores. Tel.: 208-6760 Prof. Sarah Nery</p>	<p>PROFESSORA DE MÚSICA Teoria, Solfejo, Percepção Musical e Piano, prepara alunos para Escola de Música, Uni-Rio, Concursos Públicos e OMB. Tel.: 284-6955. Ivanira</p>	<p>ESTETIQUETERAPIA. Tratamento de pele e corpo com Reiki e Harmonização Energética. Terapeuta Alternativa e Esteticista. Hora marcada. Tel.: 266-2297. Lia Maria</p>	<p>Astrologia e Massagem terapêutica chinesa. Tel.: 512-5389. Teresa de Holanda</p>	<p>CORTE E COSTURA. Aquela roupa que você gostaria de ter, mas não encontra nas lojas; da Alta Costura ao Short. Posso te ajudar. Tel.: 507-4230 Maria Auxiliadora</p>
<p>AULAS DE VIOLÃO. Clássico e Popular. Não precisa trazer instrumento. Próximo ao metrô catete. Tel.: 205-1382 e 546-1636 cód. 523-3765 Prof. Edu</p>	<p>ANUCIE AQUI Tel.: 568-8912</p>	<p>Massoterapeuta. Tuinah, Shiatsu, Zen-shiatsu, equilíbrio físico e mental. Tel.: 274-3872. Leila Araújo.</p>	<p>ANUCIE AQUI Tel.: 568-8912</p>	<p>AQUARELA EM TECIDO Do vestuário à decoração. Aulas com várias técnicas de pintura em tecido; executamos trabalhos. Tel.: 239-4555/226-7292 Marré</p>



Meu ídolo Maxwell Smart

Léo Cunha

Esta crônica foi publicada originalmente no jornal
O TEMPO, de Belo Horizonte.

O maior ídolo da minha infância foi Maxwell Smart, o confuso e invencível Agente 86. Adorava, especialmente, aquelas cenas em que Max pegava um megafone e gritava para o bandido da KAOS: – Não adianta tentar fugir! A casa está cercada por 90 fuzileiros e 30 pastores alemães!

O facínora soltava um risinho maroto:

– Difícil de acreditar...

Max dava seu tradicional golpe de sobrelance e tentava de novo:

– Você acreditaria em 10 fuzileiros e 1 pastor alemão?

O bandido balançava a cabeça. Mas Max não se dava por vencido.

– Que tal um vigia aposentado e um pequinês manco?

Cenas como essa se repetiam em quase todos os episódios da série, para a delícia dos fãs que têm o risador solto, feito eu.

Nunca imaginei que, crescido e barbado, iria me encontrar inúmeras vezes na mesma posição do Agente 86. Mas é justamente o que acontece comigo – e, imagino, com a maioria dos escritores – quando alguém solta a fatídica?

– Você não trabalha não?

A resposta óbvia “eu sou escritor” é inútil, não convence o interlocutor. Logo vem o troco:

– Tudo bem, você escreve umas coisinhas. Mas trabalhar mesmo, você não trabalha não?

Pra esse povo, escrever não é trabalho:

– Como pode ser trabalho se você fica em casa o tempo todo?

– Fico, mas sentado na frente do computador, queimando os neurônios.
– Que nada! Você deve ficar é jogando paciência no computador, ou vendo mulher pelada na Internet!

(Parêntese dirigido aos colegas escritores: algum colega aí já conseguiu acessar a home page “Suecas Louras e Ensaboadas”? O meu link está lendo demais...)

Mas com o tempo a gente vai aprendendo. Agora, quando topo com a famosa pergunta, respondo com chumbo grosso.

– Sou escritor, tradutor e faço mestrado.

– Isso não é nada! – a resposta vem, impiedosa.

– É nessas horas que eu sou obrigado a apelar para o estilo Maxwell Smart.

– O que você me diria de escritor, tradutor, mestrando e colaborador do jornal O TEMPO?

– Moleza. Eu faria isso com o cérebro amarrado nas costas.

– Que tal escritor, tradutor, mestrando, colaborador do jornal O TEMPO e professor nas horas vagas?

– Professor? Ora, não me venha com essa! Quem disse que dar aula é trabalho?

Pois é. Nós, escritores (e professores), estamos irremediavelmente condenados. O único remédio é rir. Por falar nisso, lembrei de uma piadinha que eu vi num filme do Woody Allen: “Quem não sabe, ensina. Quem não sabe ensinar, ensina educação física”.

Tchau pra vocês, estou com pressa, tenho que ir jogar paciência no computador.

email: leocunha@br.homesshopping.



ARTES NO TEAR

Um Jeito Gostoso e Divertido de Se Aventurar, Descobrir,
E Se Viver Arte... Prá Ser Feliz!

Crianças, Adolescentes e Adultos

Artes Integradas (a partir de 2 anos) • Musicalização • Teatro • Acrobacia
Artes Plásticas • Dança • Música • TEAR de Histórias • Vídeo • Colônia de Férias

R. Visconde de Itamarati, 22 - Maracanã
cep 20.550-140 - tel./fax.: 234-5590

Horários:
Manhã, Tarde
e Noite



Estação das Letras

Oficinas de leitura e escrita

Rua Almirante Tamandaré, 66/sl 307
Largo do Macaído - Tel/Fax- 285-7224

CURSOS DE FÉRIAS

(intensivos de 10 a 12h)

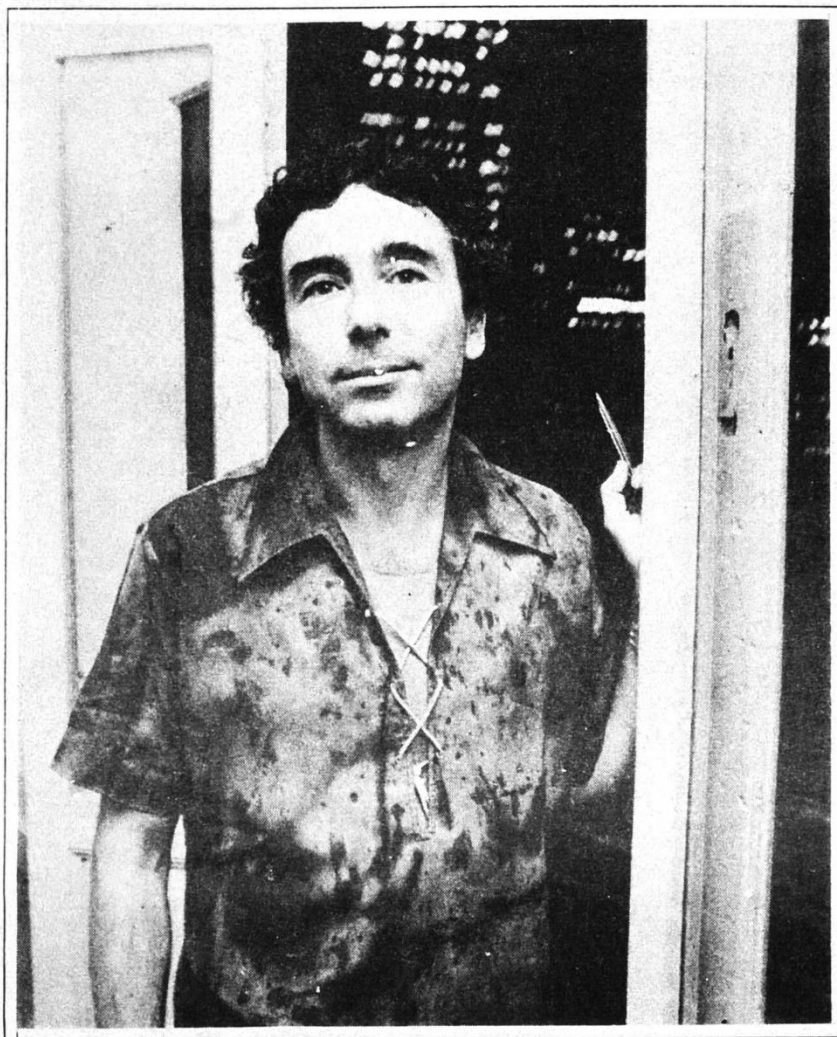
- Conhecendo os Museus do Rio
Prof. Milton Teixeira
De 01 a 04/07 de 14 às 17h

- Oficina da Escrita
Profa. Sílvia Carvão
De 7 a 11/07 - de 17:30 às 19:30h
- Cinco vezes Glauber - a teatralidade no cinema - Prof. Cláudio Dacosta
De 7 a 11/07 - de 20:00 às 22h.
- Uma Caminhada com Rimbaud
Prof. Mauricio Salles Vasconcelos
De 14 a 18/07 - de 20 às 22h.
- Estação Lunar: criação, vivência e leitura de textos - Profa. Roseana Murray
De 14 a 18/07 - de 17:30 às 19:30h

- O teatro de Bertold Brecht
Prof. Amir Haddad
De 21 a 25/07 - de 14:00 às 16h.
- A Psicologia do Vestir
Prof. Gilda Chatagnier
De 21 a 25/07 - de 18:30 às 20:30h
- Segredos e revelações da história do Rio de Janeiro - Prof. Milton Teixeira
De 28 a 31/07 de 18 às 20h e 02/08
- Introdução às Técnicas Literárias
Profa. Suzana Vargas
De 28 a 31/07 - de 19 às 21h

Brincando de aprender música

Ian Guest - e "o método"



estimular na criança o espírito de brincar e no adulto o espírito infantil normalmente adormecido. Só assim é possível encarar com naturalidade o ensino de qualquer arte e não na base da crítica e da auto-cobrança. Em meio a tanta tecnologia musical facilitando a execução em teclados e outras máquinas sonoras, é preciso despertar no aluno uma relação prazerosa com o seu instrumento. "A leitura de partitura é uma coisa posterior, é para enriquecer a linguagem e não para fazer a linguagem", considera. "O ouvido do músico é fundamental, ele não pode aposentá-lo e só ficar lendo e apertando botões", acrescenta. Para o revisor dos song-books de Almir Chediack, não tem sentido o músico temer a liberdade de expressão, já que ele não tem tanta

responsabilidade como o motorista de ônibus ou o médico cujas vidas das pessoas dependem deles. "Vale simplesmente fazer, quem não gostar que vá para outra sala", resume Ian. "Por outro lado, se você gostar do que está fazendo, aos poucos os outros vão gostar também", ameniza.

"O ideal é deitar a mão no instrumento impunemente e mandar ver, a partir daí, o certo vai nascer depois"

O ensino da música que impõe métodos únicos e rígidos não enxerga o músico como indivíduo, mas como um instrumentista em potencial. Em vez de ensinar música é preciso ensinar a ser músico. "As vezes uma pessoa que estuda 8 horas por dia pode não ser um bom músico, ele pode até ser um bom instrumentista", analisa o húngaro Ian Guest, radicado no Brasil desde 1957. Em prol

da não massificação é necessário respeitar a individualidade. A pessoa que aprende somente a trabalhar a técnica e a tocar por leitura e que não cultivar a liberdade de tocar "sujo" vai ser sempre um "filho da pauta", emenda Ian Guest. Ian Guest recomenda o método Kodály de musicalização, que se baseia na voz e hoje é usado na maior parte dos países do mundo inteiro. "Até os 11 anos, normalmente a criança não leva a sério nenhum instrumento, mas uma coisa é certa, ela vai cantar muito", revela. Vai aprender a solfejar pela voz e não pelo instrumento - processo secundário que ocorrerá com mais naturalidade. E durante o seguimento de aprendizado, não deve haver preocupação no sentido de escolher o instrumento certo e, se sentir necessidade de uma troca, ela deve ser feita. "Embora seja mais interessante tocar um instrumento bem, do que vários mais ou menos", alerta.

Ian Guest recém lançou *Arranjo, método prático*, em três volumes pela Lumiar - editora de seu ex-aluno Almir Chediack. É a primeira publicação do gênero no país e levou 10 anos para ser confeccionado. Os livros são acompanhados de um CD com exemplos práticos de como adaptar uma música para várias formações instrumentais. Também acabou de concluir a revisão do Song book de Djavan que será lançado em breve, também pela Lumiar. "O Djavan não sabe teoria mas faz tudo, compõe, arranja... fala o musicuês de forma brilhante. Ele não sabe o nome das coisas, no entanto, nunca foi colocado em pauta nada tão complexo quanto as músicas dele", exalta. ■

Marco Auré
Músico

Imagine que "saco" ter que aturar aquela velha professora de piano que não permite uma deslizada de dedo. Essa disciplina rígida é "um cemitério de talentos". A opinião é de Ian Guest - Bacharel em composição pela Berklee College, Boston e pela UFRJ e criador do CIGAM (Centro Ian Guest de Aperfeiçoamento Musical). Para ele, o ensino da música tem que estar associado à brincadeira e a sua tese encontra coro no próprio verbo "tocar", que somente nas línguas portuguesa e espanhola não exprime a ação "brincar". "Eu me oponho a maior parte dos professores de música que só se preocupam com a formação técnica considerada perfeita. Eles não permitem que os alunos toquem de ouvido, nem que adquiram hábitos "errados". Eu acho que é justamente o oposto. O ideal é deitar a mão no instrumento impunemente e mandar ver, a partir daí, o certo vai nascer depois", ensina Ian que entende que a música, antes de mais nada é um código que primeiro a gente aprende vivenciando, depois estuda. "Assim como a língua materna que você nasce e aprende e depois vai estudar aos 6 anos", compara. Segundo o autor do método *Arranjo*, para ter bons resultados, é preciso

CIGAM Musidática
Iniciação e Aperfeiçoamento Musical

**Gostar de música
é razão de sobra
para aprendê-la**

**CANTO ■ PIANO ■ VIOLÃO
CAVAQUINHO ■ FLAUTA
HARMONIA ■ IMPROVISAÇÃO
ARRANJO ■ COMPOSIÇÃO
PERCEPÇÃO MUSICAL**

APRESENTANDO O VERTENTE VOCÊ GANHA
UM DESCONTO DE 50% NA MATRÍCULA

Av. Treze de Maio, 13 / 2016
fone: 263-8643 ■ fone/fax: 532-0768
musidatica@ax.apc.org

Leituras para os que lidam com a criança e o adolescente

O CORPO NA RUA E O CORPO DA RUA
A PROSTITUIÇÃO INFANTIL FEMININA EM QUESTÃO
ROMEY GOMES (SÃO PAULO: UNIMARCO EDITORA, 1996)

O *corpo na rua e o corpo da rua* são duas realidades distintas que configuram no âmbito das representações sociais de meninas que vivem na rua. A primeira expressa a autopercepção que elas têm de si próprias. Já a segunda remete a figura da prostituta que procuram tirar de seu universo. No entanto, em ambas as representações, revela-se a violência sexual. Assim, elas seguem um *script* comum no cenário social. Para estas meninas, o único elo que existe entre elas e a prostituta é a sua enquanto espaço comum.

Entretanto, aprofundando mais a leitura dos discursos e observando mais o mundo das meninas, descobre-se que *o corpo na rua e o corpo da rua* não são excludentes, à medida que

eles não pertencem a espaços necessariamente distintos. Ora se diferenciando, ora se superpondo, estes universos não apresentam fronteiras nitidamente marcadas. As meninas os atravessam em determinadas etapas de suas vidas ou em determinada situação de seu cotidiano.

Paralelamente ao estudo com essas meninas e com três instituições desenvolvidas na cidade do Rio de Janeiro, são analisados dados sobre uma pesquisa realizada com meninas prostitutas na cidade de Santos (SP).

A fala desses dois grupos de meninas, apesar de suas características diferentes, tem pontos que se aproximam e que estão ancorados em aspectos comuns do imaginário social.

No sentido de situar a prostituição infantil

no âmbito nacional, o autor discute significados presentes nos depoimentos prestados à Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Prostituição Infanto-Juvenil da Câmara Federal.

Em torno do debate sobre Prostituição infantil, gravitam considerações acerca do processo saúde-doença ligado à sexualidade e à violência. A articulação desses aspectos vai sendo construída no sentido de fornecer contribuições para uma discussão da temática central da obra, segundo uma perspectiva interdisciplinar e multiprofissional. ■

Romey Gomes é doutor em Saúde Pública e Coordenador dos Cursos de Mestrado e Doutorado IFF/FIOCRUZ.



Razão Cultural Editora

Apresenta

seus mais recentes lançamentos

"Ela era linda.
Era negra!"



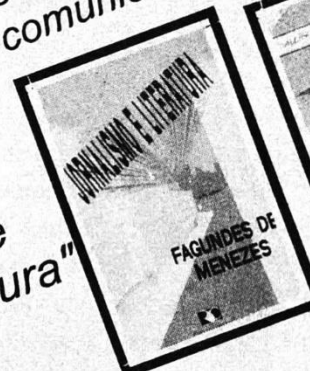
"Um explosão
de paixões"

"O lírico e o trágico
de uma mulher"



"O Maranhão e
sua lendária cultura"

"Os modernos critérios
da comunicação"



"Memorial
de vivências"

Priorizar o autor nacional. Esse o nosso lema!

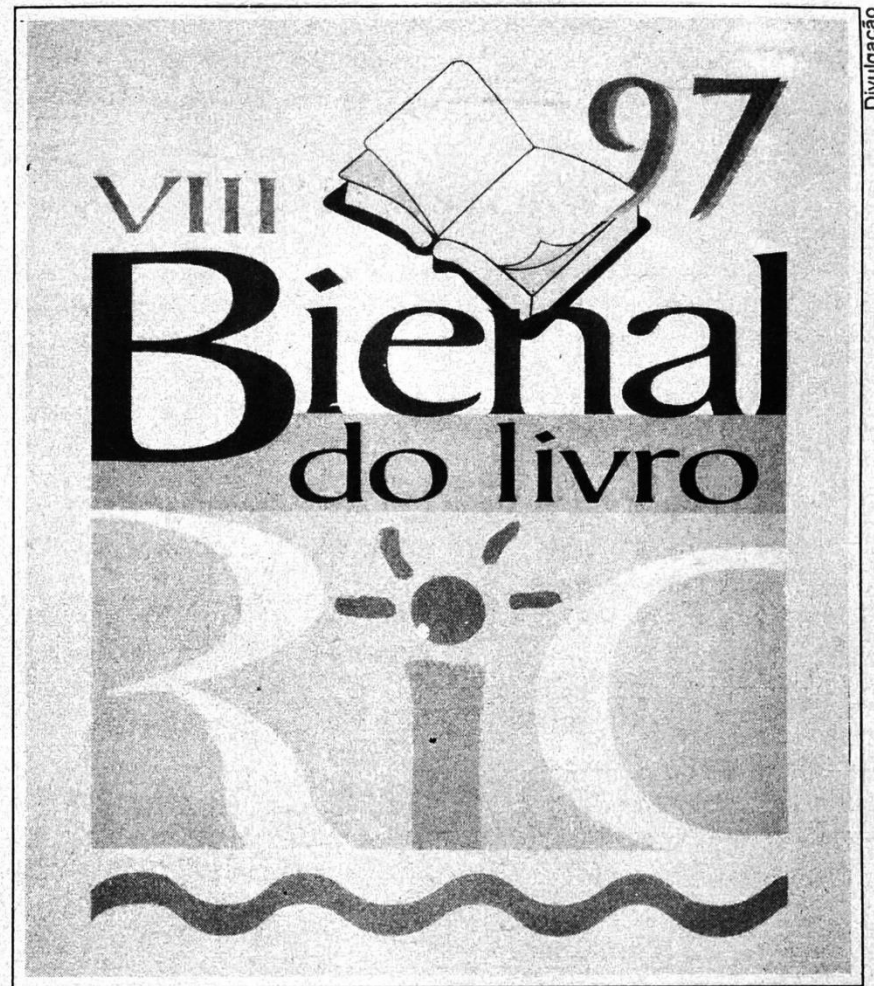
Rua Siqueira Campos, 43/412 Copa. Tel/Fax: 256-2938 - 547-3020

Bienal abre espaço de debates para profissionais da área

A oitava edição da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, a se realizar entre os dias 13 e 24 de agosto, no Riocentro, pretende se transformar num grande fórum de debates sobre cultura e educação. Numa iniciativa inédita, o evento estará reunindo profissionais da área que participarão de seminários, debates e mesas redondas para discutir alternativas e analisar a política educacional do país. A próxima Bienal espera receber um total de 1,1 milhão de visitantes nos 12 dias de evento. Serão mais de 500 expositores, entre editoras, livrarias e distribuidores, espalhados numa área de 44 mil metros quadrados, o dobro do espaço da última edição da feira no Rio de Janeiro, em 95.

Além dos seminários, outra novidade do evento será a integração da feira Aprender - Salão Internacional do Estudante ao espaço da Bienal do Livro. Em sua terceira edição, a Aprender agora estará num espaço de quatro mil metros quadrados no pavilhão principal do Riocentro. Reunindo empresas de cursos, escolas, intercâmbio e o próprio Ministério da Cultura, o Salão Internacional do Estudante prevê mais visibilidade aos seus expositores e um recorde de visitação aos estudantes.

Já nos dias 15 e 16 de agosto, será realizado o Primeiro Encontro



Bienal dos Profissionais do Ensino, que pretende reunir mais de 800 professores, de todo estado, em torno de temas como educação e leitura. A palestra de abertura, no dia 15 de agosto, já tem confirmado a participação do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e do cartunista e escritor Ziraldo, que abordarão o tema Educação/ Escola e Sociedade.

Sob a coordenação da escritora Suzana Vargas, o Encontro dos Profissionais do Ensino já têm oito oficinas confirmadas. Os temas serão: como Interpretar um texto em Sala de Aula; Ler o Texto, Viver o Texto; Oficina da Escrita, Mídia e Educação e ainda Leitura e ainda Oficina de Contadores de História, entre vários outros. Uma mesa redonda, no dia 16 de agosto reunirá profissionais de outros estados como São Paulo e Rio Grande do Sul para discutir o tema a Importância da Leitura na Escola. ■

Arte de Brincar
Brinquedos Educativos

Ocupe o seu filho com o que há de mais criativo e inteligente

Catete 228
Rua do Catete 228 Loja 220
Tel/Fax: (021)225-9501 ou (021)556-1672

Aceitamos Cartão

VENITE

SEMESTRAL - R\$ 15,00
ANUAL - R\$ 30,00

ENVIE SEUS DADOS E UM CHEQUE NOMINAL A CARLOS AUGUSTO NAZARETH PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.
RUA VICENTE LICÍNIO, 154
TIJUCA - RIO DE JANEIRO
CEP 20270-340 - TELFAX: 568-8912

FAÇA SUA ASSINATURA



1º Encontro Bienal de Profissionais do Ensino

15 e 16 de agosto, Riocentro

Evento paralelo à VIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro

*"Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda"*

Paulo Freire

Programa Preliminar

Dia 15 de agosto - Abertura:

13 às 14h - Palestra "Educação, Escola e Sociedade"

Participantes: Betinho / Ziraldo

Homenagem à Paulo Freire

15 horas - Oficinas

Dia 16 de agosto - Oficinas

14:30 às 16:30h - Mesa Redonda "A importância da Leitura na Escola"

Participantes: Regina Zilbermann (UFRGS), Ana Maria Machado,

Percival Leme Brito (UNICAMP), Celso Antunes

Oficinas Confirmadas

- Como interpretar um texto em sala de aula
- Ler o texto, viver o texto
- Oficina da escrita
- Estação Lunar, leitura, criação e vivência de textos
- Mídia e Educação
- Leitura e Leitura no Pré-Vestibular
- Oficina de Contadores de História
- História e Geografia: prazer e aprendizagem

Nelson Soler Santive
 Maria Pompeu
 Silvia Carvão
 Roseana Murray
 Márcia Feldman
 Victor Hugo Pereira
 Laerte Vargas e Claudia Cavalcanti
 Alexandre R. Junqueira

Informações: ARERJ - Associação dos Representantes de Editores
 do Estado do Rio de Janeiro. **Tel.: 240-3340**



bienalrio@fageventos.com.br

www.bienaldolivro.com.br